

# Revolução



## DIREITA

- Julgar o 25 de Abril
- Reconstruir o aparelho repressivo rumo ao Fascismo



## TRABALHADORES

- A Consciência que cresce
- A Organização que surge
- A Unidade que se forja

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO**



dos leitores

Porto-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO



# Revolução

## CONTRA AS PROVOCAÇÕES DO "COMÉRCIO DO PORTO"

Leiria, 14/3/77.

CAMARADAS:

Ao ter conhecimento das calúnias levantadas pelo PASQUIM «Comércio do Porto», contra a vossa organização, não posso deixar de vos exprimir o meu repúdio por tais acusações e é de mais uma vez perguntar ao sr. Alegre, afinal onde está a Imprensa «HONESTA»?

Camaradas, a vossa Organização não pode,

de maneira nenhuma calar-se perante mais esta «investida» da reacção, quanto a mim, não é pondo em tribunal esses reacçãoários que se ganha alguma coisa, pois não poderá acontecer que os juizes que irão julgar tal processo não serão os mesmos que têm posto os bombistas em liberdade, assim como os Pides?

Camaradas, tem de ser os revolucionários, nos seus locais de trabalho e habitação que têm

de desmascarar a reacção, temos de ser nós, revolucionários, que temos de nos unir numa frente comum, para de uma vez para sempre, acabarmos com o fascismo, tenha ele a «capa» que tiver.

MORTE AO FASCISMO  
PELA REVOLUÇÃO  
SOCIALISTA  
E VENCER OU MORRER

Um Revolucionário  
LEIRIA

### DEBATE

O Comité de Alcântara do PRP vai realizar na próxima 6.ª-feira, dia 25 de Março, às 21 e 30, no Centro de Cultura Popular de Alcântara, na Rua 1.º de Maio, uma sessão de esclarecimento, com debate sobre a actual situação política.

### UNIVERSIDADE PROLETÁRIA ERNESTO E LUÍS LIVRARIA-BIBLIOTECA

Encontra-se aberta na UPEL uma LIVRARIA-BIBLIOTECA, cujo horário normal de funcionamento é das 13 às 21 horas, e na qual podes adquirir livros com um desconto progressional ao preço de capa e que vai até aos 25 por cento.

**VAI LÁ ● LÊ OU COMPRA LIVROS ● DÁ SUGESTÕES**

Para aumentarmos a variedade e sobretudo a qualidade das publicações que apresentamos precisamos do teu apoio.

A UPEL fica na Av. 5 de Outubro, 68, Lisboa

Revolução

## Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....  
MORADA .....  
LOCALIDADE .....  
PROFISSÃO .....

PAÍS

Semestral — 110\$00  
Anual — 220\$00

ESTRANGEIRO

Semestral — 400\$00  
Anual — 800\$00

Pagamento

Em cheque   
Em vale

# Lê assina divulga Revolução

### PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
Tel. 573520/573640/573717/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
Tel. 573520/573640/573717/573670

DELEGAÇÃO DO NORTE  
Rua Álvares Cabral, 110, PORTO  
LIVRARIAS REVOLUÇÃO

ODIVELAS  
Rua D. Nuno Álvares Pereira, 3-D. Horário — das 12 às 20 horas  
Rua S. Francisco Xavier, n.º 10-A

Stª Iria da Azoia  
Rua S. Francisco Xavier, n.º 10-A

ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110  
Tel. 315759/315786

MATOSINHOS — Rua Cond. e de S. Salvador, 374  
Tel. 931925

BARCELOS — Av. Liberdade 60  
Tel. 83099

ORG. REGIONAL DO CENTRO

COIMBRA — Rua Ferreira Borges, Tel. 22961

MARINHA GRANDE — Rua Marques de Pombal, n.º 65

CASTELO BRANCO — Rua de Santa Maria, 10. Tel. 179

Rua Jaime Afreco n.º 142  
Tel. 24149

ARGEIA — Tel. 92169

ORG. REGIONAL DE LISBOA

LISBOA — Av. da República, 40  
ALGÉS — Rua Vitor Duarte Pedroso, n.º 15 - Algés de Cima  
Tel. 2100337

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro  
N.º 16-17 Tel. 2512807

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, n.º 40 Tel. 939525

PARADE — Rua Gomes Freire de ANDRADE, 1 Tel. 2474142

CACÉM — E. de Paço de Arcos, lote 16, loja T. 2945096

ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETUBAL — Praça do Bocado, 3  
Tel. 28949

BARREIRO — Rua dr. Eusébio Leão, 31 Tel. 2076745

LAVRADIO — Rua dr. José Carcano Lobo, n.º 312

TORRÃO — Horta Seica — 66132

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional, n.º 10  
2763397/2763122

QUINTA DA LOMBA — Rua de Goa, 21-A

ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

EVORA — Largo do Chão das Covas, n.º 21 Tel. 24998

ALJUSTREL — Rua de Liberdade, n.º 13, Aljustrel

BEJA — Rua Alexandre Herculano, n.º 29 Tel. 24594

ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — Rua Reitor Teixeira Guedes, n.º 35 - Tel. 24107

OLHÃO — Rua 18 de Junho, n.º 64 - B - C

LOULE — Av. José da Costa Mea-  
lha, n.º 39 - 1.º Tel. 63043

PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, 17 — 24658

MONCHIQUE — Estrada da Foia, 9, Monchique

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio  
24735

ESTOMBAR — Rua D. Pedro Galvão, 5

UNIVERSIDADE PROLETÁRIA  
LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 770017



# RECONSTRUIR O APARELHO REPRESSIVO RUMO AO FASCISMO

Com o 25 de Novembro os militares revolucionários e antifascistas foram afastados das unidades militares, foram presos e caluniados. Agora, a burguesia nacional, fiel cumpridora dos interesses do imperialismo, prepara-se para legalizar esse afastamento, tornando-o definitivo.

Mas a manobra da direita não se fica por aqui. Neste momento, face à crise económica, social e política e aos reveses que tem sofrido no campo militar a política de «regresso à hierarquia» (leia-se o voltar à estrutura tradicional do Exército colonial-fascista), a burguesia sente a necessidade imperiosa de afastar das Forças Armadas todos os oficiais que se possam opor à repressão feroz sobre os trabalhadores, que o capital tem necessidade de impôr. Dai que o Conselho da Revolução onde predominam os militares do chamado «grupo dos Nove», seja um dos principais alvos do ataque da direita.

Efectivamente, com este processo não está só em causa a continuação nas Forças Armadas dos militares revolucionários. O que está em causa é o afastamento das Forças Armadas de todos os oficiais antifascistas, mesmo os mais hesitantes, a reconstrução do exército burguês, a possibilidade de a direita fascista desencadear um golpe vitorioso

## CSD's OU JULGAMENTOS POLÍTICOS...

33 oficiais do Exército e 5 da Armada vão ser presentes aos respectivos Conselhos Superiores de Disciplina. Não se trata efectivamente de um julgamento, como o têm afirmado os actuais chefes militares. Não porque na realidade a matéria, em termos burgueses, não devesse ser objecto de julgamento, mas a direita tem medo do julgamento desses oficiais, porque isso apareceria claramente aos olhos dos trabalhadores como o julgamento do 25 de Abril, que a burguesia ainda não se sente com força para o fazer.

É face a este problema que a direita encontra a fórmula dos Conselhos

Superiores de Disciplina, onde tudo corre nos gabinetes dos generais, fora das vistas dos trabalhadores, em que o «parecer» do CSD é secreto, onde não há direito a advogado, onde a decisão final cabe ao chefe do Estado-Maior que, no caso do Exército, não hesitou já, mesmo antes do «parecer» do CSD, em considerar culpados os militares.

Por outro lado, o CSD irá pronunciar-se sobre a capacidade «moral» dos militares acusados, como o afirma o RDM, não se especificando que «moral». A de Salazar e Caetano? E que actos de «indisciplina» cometeram esses oficiais? Efectivamente, para a burguesia é «moral» ser-se oficial e tratar-se um soldado como um igual. É «imoral» estar-se ao lado dos trabalhadores, estar-se solidário com os povos das ex-colónias (Galvão de Melo também considera que o processo de descolonização foi um «crime hediondo»). Para a burguesia é «indisciplinada» não reprimir os soldados, não os obrigar a cumprir um RDM que todo o povo repudiou, um RDM que regeu as Forças Armadas no tempo do fascismo: «é indisciplinada» considerar que os soldados não são meros escravos para matar explorados, sem direito a exprimirem as suas opiniões. Mas tudo isto é um processo político. Tudo isto é a história do processo revolucionário de 25 de Abril a 25 de Novembro, que vai ser condenado... ainda por cima sem julgamento

## NÃO ESTÁ A SER FÁCIL PARA A DIREITA

A manobra é por demais evidente aos olhos de todos. Não é por acaso que Rocha Vieira se tem deslocado às várias regiões militares. A oposição e contestação a este afastamento começa a fazer-se sentir com mais força, mesmo dentro das FA's.

No entanto, a direita não se fica por aqui. O Conselho da Revolução é o objectivo que se segue. Com o afastamento destes oficiais prepara-se o afastamento de todos os oficiais antifascistas. A direita sabe que muitas das acusações que hoje são feitas aos militares revolucionários são extensivas aos conselheiros, são extensivas a Melo Antunes, Vasco Lourenço, Zarat Correira, Charais, Scusa e Castro, etc.

E assim se encadeiam os processos. Começando pela condenação dos oficiais revolucionários a direita irá progredindo, até ao saneamento de todos os oficiais antifascistas que ainda se encontram nas FA's.



Não é por acaso que Rocha Vieira se tem deslocado às várias regiões militares

## OS «GOLPES» E «INFILTRAÇÕES» DE ESQUERDA

Enquanto por um lado, utilizando a máquina administrativa, a direita vai preparando o afastamento «legal» dos militares revolucionários e antifascistas, a imprensa reaccionária vai intensificando os ataques ao Conselho da Revolução e preparando um clima de «golpe de esquerda», que permita e justifique um golpe de direita (que há meses a burguesia vem preparando afanosamente).

É neste contexto que se enquadram os artigos recheados de provocações que têm surgido na imprensa de direita, em especial no «Tempo» e no «Jornal de Notícias», jornal este que viria mais tarde a publicar declarações do brigadeiro Hugo Santos, em que este «alerta» para as «infiltrações de esquerda», permitindo a criação de um clima de caça às bruxas, melhor dizendo, caça à esquerda, nas unidades militares.

De facto, não se pode alhear estas declarações de Hugo Santos dos artigos que as antecederam, artigos estes que ao que se sabe foram escritos por um jornalista muito próximo de Spínola (no caso do «Jornal de Notícias»).

## OS ATAQUES A MELO ANTUNES

Não é por acaso que as importantes declarações de Melo Antunes à revista espanhola «Cuadernos para el Diálogo», sofreram os mais vigorosos ataques por parte da direita civil e militar. De facto, Melo Antunes expressou as suas posições antifascistas, quer quanto ao afastamento dos militares revolucionários, quer em relação à situação política e à forma como esta evolui, o que a direita não pode permitir.

A estas declarações sucederam-se o habitual chorrilho de calúnias por parte da imprensa reaccionária. No entanto, a carta que Carlos Azeredo escreveu ao major Melo Antunes, até pelo carácter que assumiu (segundo um semanário um oficial-general teria afirmado que se não fosse Azeredo, outro qualquer o teria feito), represen-

tou a resposta da direita a estas declarações, na sua expressão mais clara.

Para além dos insultos, a Melo Antunes — aqui é bom verificar-se a «isenção» da aplicação da disciplina, Carlos Azeredo continua no seu posto e não consta que venha a ser presente a Conselho de Disciplina — a carta de Azeredo exprime de forma bastante clara as intenções de toda a direita.

Carlos Azeredo é muito claro ao afirmar: «Quanto «Documento dos Nove» também estas suas declarações continuam a traduzir a total falta de pragmatismo que tanto caracterizou o ineficaz e peregrino ministro dos Negócios Estrangeiros que v. foi. Na verdade, o «Documento dos Nove» não foi mais do que uma alavanca que, com o apoio tático de alguns militares, serviu para derrubar a dominação gonçalvista, já abalada pelo levantamento popular do Norte... assim se prova com a maior das clarezas que as acções desencadeadas durante o Verão de 75 sobretudo no Norte, a que Azeredo chama «levantamento popular», e na qual não podemos deixar de incluir os ataques às sedes de partidos e organizações antifascistas, estava perfeitamente enquadrado no plano da direita, tal como o aproveitamento do «Documento dos Nove».

Tal como na altura o afirmamos a direita após afastados os militares revolucionários virar-se-á contra aqueles que incapazes de fazer uma crítica de esquerda ao estalinismo do PCP, lhe abriram as portas, numa corrida



Melo Antunes o elemento dos «Nove» mais atacado pela direita

desenfreada pela recuperação do Poder, o que inevitavelmente irá dar no fascismo.

## DO AFASTAMENTO DOS OFICIAIS REVOLUCIONÁRIOS AO GOLPE FASCISTA

A política e os objectivos da burguesia nacional e do imperialismo tornaram-se claros. O ataque que Hugo Santos desencadeou na Região Militar do Centro acerca das «infiltrações» de esquerda nas unidades militares, a carta que o coronel Azeredo enviou ao major Melo Antunes e que antes de ser publicada em grandes paragonas e elogiada nos jornais reaccionários circulava já nos meios militares, os ataques que a imprensa de direita de um modo geral tem desencadeado contra o Conselho da Revolução e em especial contra Melo Antunes e Vasco Lourenço, são um

Continua na pág. 5



Otelo um dos 33 oficiais do Exército sujeitos a Conselho Superior de Disciplina



nos campos

# ALENTEJO

## A CLARIFICAÇÃO DO PROCESSO DA REFORMA AGRÁRIA

**DESOCUPAÇÃO DA HERDADE TEIXEIRA  
(COOPERATIVA DOS BAIÕES)**

A desocupação verificada na semana passada na Herdade de Teixeira que faz parte da Cooperativa dos Baiões em Viana do Alentejo é a prova de que o Ministério da Agricultura está interessado na desarticulação e destruição das cooperativas e não preocupado com uma questão de justiça social.

Antes da ocupação da herdade existiam 5 seareiros que cultivavam uma parte dessa terra (30 ha). Quando da ocupação os trabalhadores entenderam-se com os seareiros no sentido de eles continuarem lá e, ao contrário de restringir as suas possibilidades, aumentaram-nas passando a cultivar 60 ha, ou seja uma parte de terreno muito maior do que no tempo do agrário.

É com surpresa que os trabalhadores vêem uma intervenção do Centro da Reforma Agrária de Évora no sentido da entrega total da Herdade aos seareiros. Esta medida vem afectar a viabilidade da cooperativa na medida em que esta teve de fazer um esforço muito grande para 130, diminuin-

venção do Centro da Reforma Agrária de Évora, que acompanhado da GNR exige a entrega da Herdade de Teixeira aos seareiros, criando aqui um desequilíbrio entre os seareiros e os trabalhadores da cooperativa.

### OS SEAREIROS

Os seareiros além das searas que cultivam têm outras formas de subsistência: todos eles são alugadores de máquinas, alguns deles comerciantes ou pequenos agricultores. A entrega desta herdade na sua totalidade (140 ha) aos 5 iniciais seareiros, e agora a um 6.º que aparece não se sabe ainda bem como, coloca em situação de desvantagem os trabalhadores da Cooperativa na medida em que se verificarmos os 1200 ha da cooperativa divididos pelos 130 trabalhadores calha menos de 10 ha por trabalhador enquanto em contrapartida os 140 ha da herdade divididos pelos seis seareiros cabe a cada um deles mais que 20 ha.

Isto é efectivamente uma situação de privilégio em relação a um determinado extrato social que tem já ligações e enraizamento capitalista, que vive da exploração. Esta medida define o carácter da intervenção do Centro da Reforma Agrária e do Ministério da Agricultura. É nitidamente privilegiar um determinado extrato social que os leva a tomar essa medida, pois os trabalhadores provaram da sua capacidade de criar riqueza, criar postos de trabalho e de atender consequentemente aos problemas de ordem não local mas nacional. Esta situação é bem conhecida do director do Centro da Reforma Agrária (que é natural de Viana do Alentejo, localidade onde se encontra a Cooperativa) o qual não obstante ter esse conhecimento desencadeia este ataque à Cooperativa. Ataque esse premeditado e que visa o desequilíbrio da Cooperativa, na medida em que tendo os trabalhadores dimensionado o n.º de postos de trabalho de acordo com os terrenos que tinham neste momento vêem-se a braços com falta de terreno para aplicação desse medida, o que lhes põe o grave problema de dificuldade de subsistência.

### A LUTA DOS TRABALHADORES

Os trabalhadores encontraram formas de luta correctas. A sua luta é justa e permitiu que à luta desses 130 trabalhadores se juntassem mais cerca de duas centenas de trabalhadores de outras cooperativas e alguns mesmo sem pertencerem a qualquer cooperativa.

Houve uma solidariedade entre os trabalhadores que se levou a enfrentar a GNR que veio fazer a desocupação. Havia uma desproporção entre os trabalhadores e a GNR que aparece de espingardas automáticas com todo um potencial bélico enquanto em contrapartida os trabalhadores a única arma que tinham para se opor era



a sua razão. Isto permitiu à GNR expulsá-los do terreno que andavam a trabalhar para as próximas sementeiras. Os trabalhadores já tinham comprado a semente e estavam a preparar os terrenos para semear. Neste momento ficam com as sementes por semear e sem a possibilidade de o fazer porque lhes retiraram as terras. No entanto os trabalhadores não desistem e vão levar a sua luta para a frente tentando reaver os terrenos que lhes pertencem por direito ao trabalho.

A situação é de impasse porque os seareiros não se atrevem a entrar na propriedade e os trabalhadores não a perdem debaixo de olho. Cria-se portanto uma situação de impasse com consequências lesivas para os interesses nacionais: a época das sementeiras tem um prazo, prazo que ultrapassado vai resultar numa menor produtividade e no não aproveitamento de terrenos que podiam ser cultivados.

Essa luta que desencadeou a solidariedade dos trabalhadores permitiu clarificar que é o Poder, o que eleva neste momento é um argumento bastante forte para riar a unidade e a determinação dos trabalhadores.

A luta dos trabalhadores é determinante porque o que está em causa é voltarem ou não a um passado próximo, a um passado de miséria, a um passado de escravatura que ainda não cicatrizou que os trabalhadores estão bem conscientes que o capitalismo procura recuperar.

Esta consciência dos trabalhadores para além de qualquer organização política ou até mesmo sindical, esta consciência por si só os leva a desencadear uma luta que para muitos começa a ser claro que só poderá terminar quando terminar o poder da burguesia, e que para alguns começa a ser determinante no sentido de criarem a sua própria organização, isto é, a organização dos trabalhadores que levará possivelmente a um con-

fronto com a burguesia e se ela for bem conduzida à derrota da própria burguesia.

Este processo verificado em Viana que ultrapassa os limites de uma Cooperativa ao aliar-se a elementos de, outras cooperativas e até a outros trabalhadores é um princípio de unidade que se gera a nível dos trabalhadores face ao avanço real que é o avanço do fascismo, o avanço do capitalismo.

Esta luta é uma luta que enriquece os trabalhadores e que os conscientiza. É uma luta que terá de ser apoiada por todas as organizações políticas revolucionárias e por todos os revolucionários, com ou sem partido, é que prova que a unidade se faz sobretudo no campo de luta.

### DAS ILUSÕES

O processo desencadeado na Herdade de Teixeira não é um caso isolado no Alentejo, é um caso que se insere num processo, que visa destruir a Reforma Agrária. A recuperação do capitalismo em Portugal passa pela destruição da Reforma Agrária, sobretudo pela destruição da organização dos trabalhadores, dada a incapacidade que o capitalismo tem de se confrontar com a organização, quer a nível de produção, quer de politização, que a Reforma Agrária estava a permitir no Alentejo. Este é um processo que aqui ou ali, terá certas peculiaridades mas que é neste momento claro e está a transformar a mentalidade e a compreensão do processo ao nível do Alentejo.

Aquando da época das ocupações registou-se um avanço dos trabalhadores nem sempre consciente. Efectivamente, havia uma vanguarda que avançou conscientemente e outros que foram arrastados por essa vanguarda.

Criou-se uma situação ilusória de que se poderia fazer uma Reforma Agrária a nível do Alentejo sem se alterar as estruturas a nível nacional.

A recuperação capitalista que se processa neste momento tornou claro para muitos trabalhadores que o problema que se põe não é somente o problema de ocupação de terras; é o da sua ocupação mas também fundamentalmente da sua manutenção.

Para muitos que pensaram que a Reforma Agrária era irreversível sem que sentissem necessidade de alargar a sua luta, sem compreender que essas conquistas não se poderiam passar só a nível das cooperativas agrícolas, que elas tinham que se alargar às fábricas, às casas e ao Poder, hoje para eles é claro que a defesa da Reforma Agrária só pode passar pela Tomada do Poder pelos trabalhadores.

### À CONSCIÊNCIA DA QUESTÃO DO PODER

O que muitos consideram um revés ao nível da Luta no Alentejo, outros pensam que esta luta teria que passar



do assim o desemprego em Viana do Alentejo. A cooperativa que tem cerca de 1200 ha fez um esforço bastante grande para chegar até aos 130 trabalhadores, esforço esse que se traduziu numa maior produção quer a nível de gados, quer a nível de cereais e regadio. Eles passam de 100 porcas criadeiras para 200, de 700 ovelhas para 1100, de 70 vacas para 130, etc., o que representou a aproximação do total aproveitamento de todos os seus terrenos.

É portanto com muita surpresa que estes trabalhadores vêem a inter-



# A DIREITA E O PRESIDENCIALISMO

Na semana passada o Governo foi à Assembleia da República esclarecer os deputados sobre as medidas económicas ultimamente tomadas.

A iniciativa deste esclarecimento coube ao PSD, que interpelou com a agressividade que o tem caracterizado o governo de Soares.

Contudo o debate, em virtude de uma mudança de atitude do PSD, que passou de hostil a colaborante decorreu frouxo, resultando dele uma aproximação do PS, PSD e CDS, que, perante a agudização da crise a que se assiste sabem encontrar a unidade mínima sem a qual não haverá Governo presidencialista preconizado pelo PSD e CDS.

## A INTERPELAÇÃO DO PSD

Ao exigir explicações ao Governo, Sá Carneiro tinha um objectivo nítido: demonstrar, no debate na AR, que as



Objectivo de Sá Carneiro: Demonstrar que as medidas do Governo são compatíveis com o Programa do PSD

medidas preconizadas pelo PS eram perfeitamente compatíveis com o programa do PSD e como tal justificar a necessidade da sua participação na equipa que se propõe levá-las à prática.

A forma amistosa como decorreu o debate resultou de factos que entretanto ocorreram, suficientemente fortes para alterar os planos de Sá Carneiro:

— A iniciativa foi aprovada apenas pelo PCP facto que, além de, poder isolar o PSD no quadrante político onde se situa, viria a dar lucros políticos ao PC que tem personificado no Parlamento a oposição às medidas económicas governamentais.

— Ramalho Eanes chamou «à ordem» dirigentes do PSD, manifestando-lhe a sua não concordância com manobras que poderiam enfraquecer o bloco da «maioria presidencial».

— O PS negociou com o PSD a questão da delimitação dos sectores público e privado.

— O CDS mostrou-se crítico para com a atitude do PSD, levando a que, se este mantivesse a sua atitude, se estreitassem as ligações CDS/Governo o que não favoreceria de modo nenhum a posição do PSD.

O PSD critica as medidas do Governo na base destas terem vindo atrasados e serem «incompletas», pelo que lhe propõe correcções além de — dúvidas da competência da actual equipa PS para as levar à prática.

Nesta questão em que o PSD e o CDS afinaram pela mesma bitola a proposta que é feita por estes dois

partidos é que a política de direita do PS se clarifique como tal, que o Governo defina para além das medidas «técnicas» que tomou o seu projecto político global.

Simplesmente ao PS não convém a definição clara do seu projecto político o que além de contribuir para uma mais rápida perda da sua base de apoio reactivaria divergências com os programas da direita, as quais consegue evitar com a forma de actuação que adoptou.

Perante a situação que se vive a burguesia sabe que as «medidas de austeridade» que pretende impôr aos trabalhadores gerarão uma resistência que só poderá esmagar se estiver unida e se passar por cima das suas próprias contradições.

Por outro lado, sendo a «maioria presidencialista» o objectivo imediato destes dois partidos, a convergência política com as medidas do PS surge como a satisfação de uma das condições prévias e como um incentivo à efectivação dessa «maioria».

## A TACTICA DO CDS

Completando o quadro da convergência dos partidos da burguesia para a «maioria presidencial» o CDS pretende romper com a ala nazi do seu partido forçando uma maior aproximação com o Governo.

As intensões confessadamente ditatoriais de Galvão de Melo, Freitas do Amaral contrapõe a sua tática cautelosa, quando não a sua lucidez política. É de notar as suas recentes declarações acerca do PCP, onde ao



«Maioria presidencial» tecla batida pelos partidos da direita

Ao CDS afigura-se mais seguro caminhar para o fascismo com Eanes de que com o impaciente Galvão de Melo; pois, com Eanes está também o Imperialismo e dessa forma a sua fatia de poder poderá ser maior.

## OS TRABALHADORES, O PACTO SOCIAL E OREFORMISO

O PCP tem manifestado na AR a sua oposição às medidas defendidas por Soares.

A subordinação da Política Governamental ao modelo económico «sugerido» pelo imperialismo leva a desmontar na totalidade das estruturas de centralização estatal porque o PC enfeudado ao modelo económico «sugerido» pelo outro bloco político-militar, se batem nestes dois anos.

O PCP sente-se assim à vontade para, na AR se opor frontalmente a este plano de regresso ao capitalismo privado na sua forma integral denunciando de forma exaustiva as medidas antioperárias do Governo.

Isto representa para o PC a possibilidade de tentar polarizar o descontentamento gerado pelas medidas, o que somado ao peso sindical que o PC representa constitui um reforço considerável como partido da oposição, enquanto por outro lado, o seu isolamento a nível das instâncias do Poder tem aumentado progressivamente.

A alternativa para o PC não se apresenta muito clara, pois se por um lado estará disposto a negociar com o Governo, os trunfos de que dispõe, por outro, o Governo não tem as mãos livres para lhe ceder o que quer que seja em virtude dos compromissos já assumidos com os partidos à sua direita.



O CDS pretende romper com a ala nazi do seu partido para forçar uma maior aproximação com o Governo

contrário da restante direita não atribui ao PCP intensões insurreccionais mas sim de controlo do Estado e afirma que seria este partido que lucraria se houvesse neste momento uma aventura de direita. Os pretensos ataques bombistas ao CDS servem para corroborar a demarcação entre este partido e a direita terrorista.

## RECONSTRUIR O APARELHO REPRESSIVO RUMO AO FASCISMO

Continuação da pág. 3

bom indicativo das suas intenções.

A pouco e pouco, o plano traçado pelo imperialismo vai sendo cumprido.

Os militares revolucionários e anti-fascistas serão afastados das Forças Armadas, o Conselho da Revolução, único órgão que resta da estrutura do MFA, será extinto, as Forças Armadas tornar-se-ão em docéis instrumentos de repressão sobre os trabalhadores, a dependência em relação à NA-TQ será reforçada.

Será a reconstituição do aparelho de repressão de que o Poder necessi-

ta para se manter, e que até hoje, pelas contradições de que enferma, nunca conseguiu reconstituir.

Para os trabalhadores e os revolucionários, a questão não é só o afastamento dos militares que consequentemente soberam impôr-se ao seu lado; não é só a destruição do Conselho da Revolução; trata-se efectivamente de não permitir que a burguesia reconstitua os mecanismos de repressão, que mais tarde se abaterão com toda a violência sobre os trabalhadores, trata-se de travar o avanço do fascismo.



## dos trabalhadores

# BANCÁRIOS — LISTA D

## UMA DERROTA QUE

Realizaram-se há dias as eleições para a direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas. Concorreram cinco listas: a lista A afecta à direcção cessante (PS), a lista B afecta ao PPD, a Lista C ao MRPP, a lista D unitária e a E afecta à UDP/GDUPs.

A vitória viria a caber ao PPD por uma pequenissima margem de votos sobre a lista unitária (cerca de 80 num total de quase 19.000 votantes).

Sobre o resultado e significado das eleições e ainda sobre as principais questões que se põem neste momento ao sector dos bancários, o «Revolução» entrevistou a lista D, através de três dos seus elementos.

## AS ELEIÇÕES

**REV.** — Acerca da questão das eleições. Estavam à espera da vitória, embora reduzida, na lista PPD ou os resultados foram uma surpresa para vocês?

**1.º ELEMENTO** — Os resultados que obtivemos, para nós elementos da lista, não constituem surpresa, dado o trabalho que nós fizemos durante a campanha.

Fomos um conjunto de elementos que trabalharam como um todo; os 35 desdobraram-se pelas mais diferentes tarefas. Chegámos a quase todos os bancários, cara a cara, fizemos uma campanha como nunca se fez a este nível. Corremos toda a provincia, fomos às ilhas e, mesmo a nível de comunicados de apoio e programa em si, foi toda uma campanha dirigida para tirar os bancários do mutismo que se verificava no sector a nível da vida sindical e conseguimos-lo.

A nossa lista apresenta-se como uma alternativa unitária enquanto as outras se apresentam comandadas do exterior por partidos. Defendemos um sindicalismo não partidário e isso trouxe portanto estes frutos.

O resultado não foi grande surpresa para nós. Nunca pensámos que houvesse de facto uma corrida às urnas tão grande, o número final de votos que nós obtivemos estava mais ou menos claro no nosso espírito; o valor global dos votos expressos é que nós não prevíamos. Foi a Lista D com a sua alternativa que fez com que as forças de direita se tivessem mobilizado para o voto.

**2.º ELEMENTO** — A lista D, unitária, constituiu-se na base de ultrapassar todo o partidatismo, todo o sectarismo que tem existido na Banca ultimamente. Constituímos esta lista unitária

aberta a todas as correntes sindicais e ideológicas de esquerda. O PS sectarizou e não quis constituir aliança connosco. De qualquer modo, houve socialistas que apoiaram a nossa lista, temos mesmo um socialista na lista.

Muito embora o PS tenha apresentado uma lista isolado, na votação a soma dos votos na lista PS e na lista unitária totaliza cerca de 12.000 votos, a grande maioria dos votantes

cos de há seis meses a esta parte que se orientava no sentido da defesa dos seus interesses. Agora essa gente votou na lista de direita. Podemos dizer que ficou adiada por agora a constituição dum sindicato paralelo a nível de quadros.

**2.º ELEMENTO** — O PPD ganhou, mas as questões que se põem imediatamente são as seguintes: ganhou como? O que é que vai fazer? O PPD não tem quadros sindicais não tem qualquer poder de mobilização da classe bancária. Por outro lado, a esquerda não lhes vai dar a chance de lhes fazer o trabalho sindical que lhes compete a eles...

## QUE PERSPECTIVAS PARA O PPD?

**REV.** — Qual pensam que irá ser o sentido da actuação da nova direcção afecta ao PPD?

**1.º ELEMENTO** — O PPD não tem quadros sindicais, quadros para aguentar neste momento o Sindicato dos Bancários, que é um sindicato com tradições. Além disso, está em fase de negociação a contratação colectiva. A nossa lista tem elementos que estiveram na base da proposta contratual apresentada para negociação; temos na nossa lista quadros sindicais que estiveram presentes em todas as contratações, desde 1969, 71, etc... Isto é uma vantagem que a nossa lista tinha e tem em relação à lista que ganhou as eleições.

Não podemos dizer o que a direcção irá fazer. É um facto que eles não vão ter possibilidades de mobilizar para Assembleias Gerais, para discutir problemas, o número de pessoas que mobilizaram para o voto, nem sequer 1/3.

**3.º ELEMENTO** — Uma direcção que no seu programa de acção aponta para o reformismo sindical, logo à partida não pode contar com a colaboração das forças revolucionárias. E, quando, no sábado, elementos da direcção contactaram outras forças no sentido de uma colaboração, foi-lhes dito claramente que não havia a mínima hipótese de colaboração.

**1.º ELEMENTO** — A lista que ganhou já fez contactos com pessoas doutras listas, no sentido de pedir apoio a nível da criação de grupos de trabalho de apoio à direcção.

Não se fazem quadros sindicais numa sala lendo livros sobre sindicalismo. É na luta concreta dentro do Sindicato que se fazem os quadros sindicais que eles não têm. Nunca participaram na vida sindical...

A guisa de anedota até se dizia no sábado, depois de se ter uma perspectiva de que a lista B iria ganhar, que eles hoje para o sindicato iam de táxi, precisamente porque não sabiam onde era o sindicato.

## FORMAÇÃO DA LISTA D — PROCESSO UNITÁRIO

**REV.** — Qual foi, em traços largos, o processo de formação da lista D, que vocês mesmo já caracterizaram como unitário e englobando elementos que já deram provas do seu trabalho sindical?

NA UNIDADE A FORÇA DO SINDICATO PARA A DEFESA DOS TRABALHADORES SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

Contigo há mais unidade. vota



(18.700-19.000). O que quer dizer, dado que quer na lista A quer na lista D se diz claramente que se quer a nacionalização da Banca, avançar na reestruturação da Banca e pôr a Banca ao serviço dos trabalhadores, que os bancários, duma maneira ou de outra, votaram pela nacionalização e pela reestruturação da Banca.

## A MOBILIZAÇÃO DA DIREITA

**REV.** — Como explicam a mobilização da direita no sentido do voto e como encaram o facto da direcção do sindicato se encontrar neste momento nas mãos do PPD?

**3.º ELEMENTO** — Para quem conhece perfeitamente a classe, isso não é assustador. O que acontece é que dentro da Banca há uma grande quantidade de quadros e um determinado número de trabalhadores que foram privilegiados no tempo dos fascismo, que perderam privilégios após o 25 de Abril, e que estavam à espera que aparecesse uma lista que defendesse intransigentemente os seus privilégios. Essa lista, no caso concreto, é o PPD. Se surgisse o CDS, eles votariam CDS.

**2.º ELEMENTO** — Aliás o CDS apoiou esta lista com um comunicado de última hora.

**3.º ELEMENTO** — No nosso sindicato já havia um movimento de técnicos

NA UNIDADE A FORÇA DO SINDICATO PARA A DEFESA DOS TRABALHADORES SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

Contigo há mais unidade. vota



**1.º ELEMENTO** — A formação da lista partiu da reunião de associados que se realiza semanalmente de alguns anos a esta parte no sindicato, desde a altura da Comissão Administrativa, para arranjar formas de luta para correr com ela.

Essas reuniões têm-se vindo sempre a realizar desde então todas as quartas-feiras, e as pessoas que costumam reunir nesse dia acharam por bem eleger ali um grupo a que chamaram Comissão Dinamizadora deste processo, fizeram um comunicado à classe, chamando todas as pessoas que quisessem participar na discussão dessa alternativa.

Fizeram-se contactos pessoais com sindicalistas reconhecidos pela classe e que estiveram metidos no processo de luta sindical antes e depois do 25 de Abril, que a nível dos seus Bancos, das Comissões de delegados, das CTs, de delegados sindicais, desenvolveram trabalho correcto e com aceitação perante os trabalhadores, e começou-se a dialogar no sentido desta plataforma.

Estiveram neste processo desde o início cerca de duas centenas ou mais de pessoas. Para a lista com 35 elementos foram escolhidos os elementos que ofereciam mais condições de trabalho no futuro e que a classe aceitasse melhor.

NA UNIDADE A FORÇA DO SINDICATO PARA A DEFESA DOS TRABALHADORES SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

Contigo há mais unidade. vota



NA UNIDADE A FORÇA DO SINDICATO PARA A DEFESA DOS TRABALHADORES SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

Contigo há mais unidade. vota





# JE É UMA VITÓRIA

Foi uma discussão bastante boa que se fez. Tinha havido problemas com algumas dessas pessoas, problemas anteriores, pessoas que tomavam posições frontalmente opostas em Assembleias Gerais e que acharam que era necessário construir uma plataforma de unidade que aparecesse como uma alternativa para o nosso sindicato que se encontrava ainda numa mobilização atroz.

**2.º ELEMENTO** — Os contactos foram feitos também com elementos da lista A, afecta ao PS, mas houve da parte destes uma sectarização, obedecendo concertemente a directrizes que eles tinham para não constituírem listas unitárias, fosse com quem fosse.

**1.º ELEMENTO** — Houve muita imprensa diária que apelidou esta lista do PC, da FEPU e em alguns casos de ex-MES. A verdade é que há elementos que eram ex-MES, há elementos do PCP, há elementos do PRP, há, inclusivamente, um elemento do PS.

que se possam e devam ser recuperados para o processo; agora a força política que está por detrás dessa lista, é que nos parece que não tem tido uma prática correcta, e isto não só a nível do Sindicato. Temos um exemplo muito próximo, a eleição da CT da Caixa Geral de Depósitos, onde se apresentou uma alternativa idêntica à nossa e aparece uma lista afecta a esta corrente que faz perder a CT para o PPD por uma margem de meia dúzia de votos.

Por outro lado, em conversa com elementos dessa lista, eles dizem à viva voz que preferem que ganhe o PPD, o que passa pela concepção frentista que eles defendem uma frente antifascista que, se não estiver o fascismo instalado, não tem razão de existir.

**2.º ELEMENTO** — Desde o primeiro momento que essa lista sectarizou e eles diziam inclusivamente que gostariam de medir a sua força na banca. Mas o importante é que nós, que desde o início estivemos abertos a todas as correntes de esquerda, contíamos predispostos a trabalhar com todos os elementos honestos e acreditamos que ainda lá há alguns.

## OS PRINCIPAIS PROBLEMAS DO SECTOR


**REV.** — Quais são neste momento as principais questões que se levantam, segundo a vossa opinião, ao sector e quais as vossas perspectivas sobre essas questões?

**3.º ELEMENTO** — As principais questões, neste momento, são mesmo a reestruturação da Banca, a questão da Contratação Colectiva de Trabalho e o controle operário, sobre o qual tem de haver uma grande discussão dentro da Banca.

**2.º ELEMENTO** — Outra questão importante é a da descentralização, a audição dos trabalhadores na Província e nas Ilhas que se sentem um pouco marginalizados em relação a Lisboa. Há que encontrar formas de maior participação, de tal modo que o peso das soluções arranjadas

NA UNIDADE A FORÇA DO SINDICATO PARA A DEFESA DOS TRABALHADORES SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

Contigo há mais unidade. vota



na Província e nas Ilhas cheguem com o peso que devem ter às Assembleias de Lisboa, e para isso, é necessário rever os estatutos.

**3.º ELEMENTO** — Mais um ponto muito importante é o que está directamente ligado com a posição que os bancários devem ter relativamente ao restante movimento sindical. Os bancários não participaram no Congresso dos Sindicatos e esta lista é dumha maneira muito clara e muito firme contra o pluralismo sindical. E não será com os homens desta lista que o sindicato avançará para a constituição de uma central paralela.

Nós defendemos que deve haver dentro do sector uma grande participação, uma grande discussão de toda esta questão ligada à Intersindical e a partir daqui tomar-se, dumha vez por todas, uma decisão relativamente à posição dos bancários face ao restante movimento sindical. Não defendemos de maneira nenhuma o isolacionismo em que os bancários têm vivido relativamente aos outros trabalhadores e portanto queremos incentivar a discussão dentro do sector.

## A CRIAÇÃO DA BANCA PRIVADA

**REV.** — Tem-se falado ultimamente não tanto na desnacionalização da Banca, mas a criação da banca privada paralelamente, o que seria uma das exigências do capitalismo e do imperialismo.

O que é que vocês pensam desta questão?

**2.º ELEMENTO** — A nossa convicção e o nosso propósito é de modo nenhum permitir que a Banca seja desnacionalizada e que não haja criação de Banca privada.

A Banca que existe deve ser aperfeiçoada com a sua reestruturação, passando pelas fusões, acabando com pequenos bancos e sobretudo com o grande problema das caixas económicas, avançando com a banca polivalente e na criação da Banca especializada. Tudo isto faz parte da reestruturação da Banca no sentido de que o crédito seja melhor posto ao serviço do Trabalho.

## PERSPECTIVAS DE INTERVENÇÃO

**REV.** — Quais são as vossas perspectivas de trabalho para o futuro, dado que, se bem que perdendo em número de votos, a vossa lista foi reconhecida e aceite por muitos milhares de trabalhadores?

**1.º ELEMENTO** — Hoje, em cada local de trabalho onde estamos, sentimos os bancários por essa mesma questão. O apoio que nós tivemos, quer a nível dos votos expressos, quer, durante a campanha, as comissões de apoio que se criaram para apoiarem a nossa lista nas várias tarefas que se impunham, não permitem que este trabalho pare por aqui.

Nós tivemos há poucas horas uma reunião, onde não conseguimos concluir os trabalhos e vamos ter uma nova reunião amanhã onde vamos analisar as formas de prosseguirmos este trabalho.


É evidente que não se põe já o problema de irmos hostilizar frontalmente esta direcção; temos que encontrar formas de avançar com este movimento, com toda a massa de associados que apoiaram a lista D. Este movimento é irreversível.

Por outro lado há a todo o trabalho que temos que continuar a desenvolver a nível de Assembleias Gerais. São sindicalistas que, ainda que a nível da lista isto se desfizesse, o que é um mito, isto não se desfaz pois é impossível destruir esta unidade que se criou — estes sindicalistas não abandonariam o Sindicato. Cada um por si continuaria a militar sindicalmente. Mas criou-se uma estrutura que teremos que aproveitar para fazer a discussão dos problemas que surgem à classe.

**1.º ELEMENTO** — Queria apenas acrescentar para finalizar que a afiliação de pessoas que votaram nestas eleições vem demonstrar a importância que a Banca tem no todo nacional, a importância que tem na política e economicamente. Parece-me que as forças políticas que se movimentaram para estas eleições demonstraram bem a importância que o Sindicato dos Bancários tem a nível político e económico no contexto que se vive neste momento em Portugal.

NA UNIDADE A FORÇA DO SINDICATO PARA A DEFESA DOS TRABALHADORES SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

Contigo há mais unidade. vota



**3.º ELEMENTO** — Ao avançar-se com um programa dessa natureza, havia como objectivo fundamental fazer-se um sindicalismo de massas, com a participação dos trabalhadores, e não, estarem ali, 7 ou 8 pessoas ligadas a esta ou aquela organização política e depois decidirem lá dentro na direcção de braço no ar, vamos fazer isto ou aquilo.

**2.º ELEMENTO** — Cabe ainda dizer-se que não havia na lista hegemonia de qualquer partido ou facção política. A lista é apartidária, o que demonstrava aos bancários que não queríamos partidizar e muito menos sectarizar o sindicato.

## O SECTARISMO

**REV.** — Porque é que os elementos da lista E, lista de esquerda afecta aos GDUPs, e que teve uma percentagem mínima de votos que não lhe permitiu constituir qualquer alternativa, não participaram na lista unitária?

**1.º ELEMENTO** — Quando se diz que a lista E é uma lista de esquerda, vamos lá a ver se efectivamente o é. Pode lá haver um ou dois elementos

NA UNIDADE A FORÇA DO SINDICATO PARA A DEFESA DOS TRABALHADORES SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

Contigo há mais unidade. vota



NA UNIDADE A FORÇA DO SINDICATO PARA A DEFESA DOS TRABALHADORES SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

Contigo há mais unidade. vota





dos trabalhadores

# FUNÇÃO PÚBLICA—Desmobilizar é optar pelo Fascismo

O sector da Função Pública do PRP distribuiu um comunicado em que é analisado o porquê da actual situação do sector, em que é combatida a desmobilização que se tem vindo a apoderar dos trabalhadores e no qual se dão perspectivas para o avanço da luta:

Passado um mês sobre a nossa luta e no momento em que por todo o lado os trabalhadores dos mais variados sectores como os têxteis, a construção civil, as telecomunicações (CTT e Marconi), etc. se manifestam e organizam para travar uma luta sem tréguas contra o patronato e a recuperação capitalista impõe-se que, urgentemente e desde já, nos debrucemos sobre as causas do fracasso das lutas no nosso sector e como combater a desmobilização que parece começar a instalar-se entre nós.

Nós, trabalhadores da Função Pública, não podemos acreditar que a nossa força é menor que a dos camaradas dos outros sectores em luta, nem que somos nós que provocamos a desestabilização. É a burguesia quem a provoca, acusando disso os trabalhadores.

Em Portugal, neste momento, a classe dominante para recuperar o capitalismo vê-se na necessidade, face a uma economia degradada pela crise capitalista mundial e agravada por 48 anos de fascismo, de recorrer a empréstimos estrangeiros aumentando

assim a nossa dependência em relação a esses países e pondo em perigo a independência nacional.

Medidas já nossas conhecidas como a falta de cumprimento dos CCT, o aumento fascista da Função Pública, o desrespeito do art.º 58.º da Constituição, o aumento do custo de vida, os saneamentos nos quartéis e outras agora anunciadas (desvalorização da moeda, indemnizações aos capitalistas expropriados e reprivatizações) não são mais, do que cedências às pressões políticas impostas pelo imperialismo em troca da sua ajuda ao regresso da exploração dos trabalhadores portugueses (o adiamento do empréstimo para Outubro é já em si uma forte pressão).

Os sacrifícios impostos aos trabalhadores por estas medidas são bem anunciados pelas lutas e movimentações de massas que irrompem de Norte a Sul e que levam já o poder a usar uma repressão cada vez maior atacando as conquistas dos trabalhadores e destruindo com maior ou menor subtilidade os seus órgãos representativos.

Isto, camaradas, é o avanço do fascismo tão claro já que só uma grande cegueira política não permitirá reconhecer. Mas os trabalhadores sabem-no e por isso estão alerta e lutam.

**Porque, neste momento, desmobilizar é fazer uma opção. É optar pelo fascismo!**

No entanto, a burguesia não emprega sempre as mesmas armas para manter a exploração dos trabalhadores. Há formas que por não serem tão claras aos olhos destes são mais difíceis de combater.

É o caso da formação recente dos sindicatos dos quadros técnicos da Função Pública e da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos que, aproveitando-se da nossa desmobilização, mais não pretendem do que criar a divisão no seio dos trabalhadores de modo a conseguirem o primeiro a defesa mais fácil dos seus interesses de classe, o segundo a defesa de regalias monetárias adquiridas que os restantes TFP não possuem e deste modo dificilmente conseguirão.

É o caso do reformismo que instalado na cúpula do nosso sindicato, mercê da sua actuação, tem conduzido ao fracasso as nossas lutas (foi o que sucedeu com a conciliação sobre a questão salarial) e aberto as

portas a posições divisionistas como estas que mais não visam que a destruição do movimento sindical.

**É, pois, altura de dizermos basta!** Mas, camaradas, não chega dizer não a este tipo de manobras. A actuação incorrecta da nossa Direcção Sindical tem que ser um factor mobilizador da vontade dos trabalhadores para as lutas que se avizinhm (contra o despacho antigreve, contra o aumento do horário de trabalho, pelo CCT, contra o Estatuto Disciplinar fascista, contra a reintegração dos saneados, pelo aumento salarial prometido para Junho) e não motivo de desmobilização.

Deverá ser, pois, contra o despacho antigreve de 5 de Abril de 1976 que temos de empenhar em primeiro lugar a nossa força, fomentando em cada local de trabalho uma forte unidade em torno deste e dos outros problemas que nos afectarão em breve tomando os delegados sindicais portavozes das nossas decisões de trabalhadores organizados.

- Não à desmobilização
- Não à divisão sindical dos TFP
- Pela forte unidade e organização em torno dos nossos direitos!
- Em frente pela Revolução Socialista!

# ALENTEJO—REFORMA AGRÁRIA

Continuação da pág. 4

por esta fase que é a fase da clarificação.

Hoje até as próprias forças reformistas que se serviram dos trabalhadores alentejanos para o reforço das suas posições ao nível das superestruturas e para moeda de troca com o Poder burguês, até mesmo essas forças estão a perder terreno no Alentejo porque não há defesa da Reforma Agrária sem um avanço da luta, nos outros sectores.

A situação para os trabalhadores no Alentejo começa a ser muito clara: é necessário controlarem os seus meios de produção, desde o início até ao fim, isto é, sem intromissão do poder capitalista, do poder burguês que se traduz nas estruturas e nas superestruturas que estrangulam a nível económico e mesmo a nível político o processo revolucionário no Alentejo, isto através do crédito; das compras dos cereais, do azeite e de todos os produtos retendo os pagamentos durante prazos extremamente alongados, obrigando as Cooperativas a recorrer ao crédito com a sua consequente sobretaxa que são os juros. Em contrapartida os dinheiros por receber nesses organismos estatais não são passíveis de juros, o que os coloca numa situação de inferioridade. Por outro lado a ausência total de apoio técnico, de incentivos ao seu trabalho tem marcado negativamente todo este processo e estrangulado em muitos casos o próprio processo. O poder nada tem a ver com a justiça social.



A essa pseudo-justiça social sobre põe-se a hegemonia de uma classe, que neste caso se traduz pela hegemonia de um partido político, o PS.

## A VIOLÊNCIA

No entanto, como um processo revolucionário é sempre um processo de clarificação e um processo de clivagem, hoje a vanguarda alentejana,

a vanguarda dos trabalhadores rurais, está muito ampliada e muito consciente.

Hoje os trabalhadores põem a questão de que a luta é de classes e que uma luta de classes passa consequentemente por uma luta violenta, facto que a burguesia há muito tempo sabe. Assim a burguesia através das suas pseudo-leis e da sua pseudo-legalidade faz intervir no Alentejo forças armadas da GNR e da PSP. Ai o capitalismo aparece com toda a sua forma violenta e assume a sua posição na luta de classes. Há uma diferença enorme entre o que foi a luta dos trabalhadores pela recuperação das terras, em que não tinham que interceder estas forças armadas, pois a determinação dos trabalhadores era suficiente para a tomada das terras, e neste caso, a burguesia que se faz representar na chamada recuperação das terras por forças armadas sem as quais essa recuperação era impossível, o que define bem o que é a democracia burguesa.

Todo este processo começa a ser claro para os trabalhadores que sentem que contra a força só outra força se pode opor. Contra a GNR, contra as forças armadas pela Burguesia só as Forças Armadas pelos trabalhadores se poderão opor.

## A UNIFICAÇÃO DAS LUTAS — O DERRUBE DA BARREIRA NORTE/SUL

Se as lutas no Alentejo decorrerem no momento em que sobressaem so-

bre o resto do País, ao ponto de se falar na divisão Norte/Sul, hoje há uma maior aproximação ao nível das lutas no sentido de nivelar até o seu próprio avanço.

Houve, por avanço tomado inicialmente, uma certa paragem ao nível do Alentejo; essa paragem coincide com o avanço das lutas no Norte, o que permite que haja um avanço ao nível dos trabalhadores que não foi tacticamente concertado mas que é determinado pela evolução do processo. Enquanto se avançou primeiro no Alentejo, enquanto a burguesia no Alentejo sofre o seu maior revés, neste momento esse ataque está a processar-se no Norte do País ou do Alentejo para o Norte o que já não permite dizer-se que o Alentejo é vermelho ou que o Norte é reaccionário. Hoje a luta de classes começa a nivelar-se ao nível de todo o País o que determina uma maior clarificação e uma maior preocupação para a burguesia.

Quando o sr. Mário Soares e outros políticos de direita pensaram em transferir a Assembleia da República para o Porto, certezaza isso hoje não lhes passaria pela cabeça, não pelo recuo existente no Sul o que não é realidade, mas pelo avanço da luta dos trabalhadores no Norte. Esta situação consequente do avanço e da clarificação de todo este processo vai conduzir certezaza à unificação das lutas a nível de todo o País, isto é, à possibilidade dos próprios trabalhadores alentejanos avançarem de forma mais eficaz e mais determinada no sentido da tomada do poder.



# DA LUTA PELO CCT À LUTA CONTRA A DESINTERVENÇÃO

Depois do refluxo nas movimentações dos trabalhadores que se seguiu ao golpe do 25 de Novembro, tem-se vindo a assistir nos últimos meses a um reacender da luta, sobretudo pela negociação e (ou) publicação dos Contratos Colectivos de Trabalho. A importância desta luta está patente no elevado número de trabalhadores que envolve e no clarificar de posições que impõe sobretudo ao Governo.



O carácter essencialmente reivindicativo da luta pelos CCTs por um lado e a ausência de órgãos autónomos dos trabalhadores por outro levam a que estas lutas se desenrolem totalmente em torno dos sindicatos e sob o seu controlo. O sindicato aparece portanto hoje, como a única estrutura aglutinadora capaz de mobilizar os trabalhadores para avançarem com formas de luta.

O agravar da situação económica e social em Portugal, o constante deslizar para a direita do Governo PS e a tentativa de recuperação capitalista que este se propõe levar a cabo, darão num curto espaço de tempo, a qualquer luta reivindicativa características marcadamente políticas.

Como estruturas puramente reivindicativas que são, criadas e destinadas a servir de elo de ligação entre duas classes com interesses diferentes os sindicatos serão, inevitavelmente, ultrapassados, quando ao proletariado se puser como única saída o aniquilar da burguesia como classe, isto é, quando para os trabalhadores a alternativa da tomada do poder for sentida como a única forma de se oporem ao avanço do fascismo.

As razões apontadas e o próprio funcionamento das organizações sindicais (eleições por tendência-lista, total ausência de controlo dos trabalhadores sob as direcções, etc), são suficientes para se concluir que qualquer luta política terá que se desenrolar em torno de outros órgãos que não os sindicatos e que estes órgãos terão que ser eleitos pela classe em cada local de trabalho, a sua actuação terá que ser controlada pelos trabalhadores em cada momento, têm que ser órgãos que ponham claramente a questão do poder.

## AS EMPRESAS INTERVENIONADAS

A par da luta pelo CCT uma outra começa a desenrolar-se neste momen-

to — a das empresas desintervencionadas ou a desintervencionar pelo Governo.

No entanto, contrariamente à primeira esta reveste-se de características marcadamente políticas.

Com efeito, aqui não se trata de reivindicar melhores salários ou novas regalias; a questão que aqui se põe é a de lutar contra uma decisão do Governo que se insere na tentativa de recuperação capitalista da economia portuguesa e que faz parte das cedências ao imperialismo americano — a desintervenção foi uma das condições postas pelos EUA ao Governo português para a concessão do empréstimo de 45 milhões de contos anunciado para 1978.

As empresas que a seguir ao 25 de Abril, para evitar a falência ou devido ao abandono dos patrões, sofreram a intervenção do Estado, estão portanto, agora e devido à decisão do Governo recentemente tornada pública na sua quase totalidade a ser desintervencionadas e «recuperadas» pelos antigos patrões.

O facto de aqui serem as C. Trabalhadores a coordenar e a dirigir a luta substituindo os sindicatos é a prova da inevitável ultrapassagem destes em lutas que não sejam meras reivindicações.

## GUÉRIN — TRABALHADORES PARALISAM

Na Guérin, uma das empresas em que o Governo decidiu deixar de intervir, a quase totalidade dos trabalhadores aderiram a uma paralisação de trabalho que dura desde que o patrão, José Machado, entrou na empresa no passado dia 15.

Como alternativa ao regresso do patrão e antes do despacho de desintervenção, os trabalhadores tinham proposto ao governo como forma de reestruturar a empresa que esta se tornasse uma empresa pública ou de

capital misto — Estado e trabalhadores.

No entanto o governo não aceitou qualquer das propostas. O patrão regressou e, iniciou logo de seguida os despedimentos dos trabalhadores que ele crê mais perigosos, isto é mais conscientes e combativos. O primeiro despedimento foi anunciado por carta a um economista que desempenha as funções de adjunto da administração desde Abril de 75 pouco depois da intervenção do Estado. No entanto o patrão parece pretender que outros despedimentos «nas oficinas e nos escritórios» se venham a efectuar.

Entretanto os trabalhadores da Guérin têm recebido inúmeras moções de solidariedade vindas de todo o País, numa clara demonstração de que o significado desta primeira grande desintervenção por eles tida como «balão de ensaio» foi perfeitamente compreendido e mostrar-se dispostos a não retomar o trabalho sem que os ministérios se decidam a procurar uma solução para a situação em que se encontra a empresa e que, neste caso, a sua cedência às forças capitalistas criou.

## OUTRAS DESINTERVENÇÕES

Além da Guérin outras empresas intervencionadas foram ou vão ser devolvidas aos ex-patrões — as Confeções MS, a MEVIC, a METALO-MECÂNICA VILAFRANCOENSE, LIMAS UNIÃO TOMÉ FETEIRA e a AUTO-CONSTRUTORA DO BARREIRO são apenas alguns exemplos. As razões apontadas pelo Governo para a desintervenção baseiam-se no facto de os inquéritos instaurados aquelas empresas não terem revelado elementos que justifiquem a intervenção do Estado.

No entanto para os trabalhadores o significado desta medida é bem diferente e está expresso num extracto das conclusões do grande encontro nacional dos trabalhadores das empresas com intervenção do Estado «Devolver as empresas aos sabotadores significa voltar ao passado, significa desemprego, fome e miséria». Significa sobretudo mais uma cedência do Governo ao capitalismo nacional e às exigências do imperialismo.

## C.C.T. s - A luta continua

### GRÁFICOS

Na continuação da luta que vêm travando pela negociação do CCT e depois de já se terem recusado a efectuar horas extraordinárias os trabalhadores gráficos paralisarão no próximo quinta-feira no 1.º período de trabalho um dos turnos.

Esta medida foi decidida no plenário realizado na passada semana e destina-se a protestar contra o boicote que o patronato tem vindo a impor às negociações do C.C.T.V.

### MADÉIRAS

Os trabalhadores do sector das madeiras advertiram o Governo, num documento recentemente enviado pelos seus dirigentes sindicais aos órgãos do poder, que encetarão as

devidas formas de luta, caso o Ministério do Trabalho não publique a portaria que regulamente o C.C.T.V. no mais curto espaço de tempo.

### METALÚRGICOS

Os trabalhadores metalúrgicos acederam numa reunião efectuada no passado dia 18 a que a resolução do conflito existente em torno da negociação do CCT fosse encontrada por via administrativa. Os trabalhadores deram, no entanto, o fim de Abril como prazo limite para que a Comissão Técnica agora constituída, que é formada por representantes do Ministério do Trabalho, do patronato e dos Sindicatos se debruce sobre a questão e a portaria que regulamente as relações de trabalho dos metalúrgicos seja publicada, sem o que os trabalhadores iniciarão novas formas de luta.

## A LUTA DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS

As empregadas domésticas realizaram uma concentração em S. Bento no passado dia 22 com o objectivo de levar o Governo a receber uma delegação do Sindicato.

Esta concentração foi decidida em plenário realizado no passado domingo e vem no seguimento da luta destas trabalhadoras pela publicação de um decreto-lei que regulamente as suas relações de trabalho.

Sobre as conclusões desta concentração e as diligências efectuadas pelo Sindicato do Serviço Doméstico para que seja revista uma ordem de despejo das instalações onde actualmente funcionam os serviços do Sindicato, assim como um lar de empregadas domésticas, uma creche e uma cooperativa de prestação de serviços, falar-nos-á uma delegada sindical no próximo número do «Revolução».



## dos trabalhadores

Luta  
dos  
Trabalhadores

CONFECÇÕES IDEAL COVILHÃ

A entidade patronal desta empresa têxtil, em Fevereiro resolveu só pagar 2000\$00 de salários aos operários, alegando que a produção tinha sido baixa. Imediatamente a seguir o patronato inicia um boicote, fazendo passar material da fábrica para outra empresa no Porto.

Os trabalhadores, apercebendo-se da manobra graças aos piquetes que fizeram dia e noite à porta da fábrica, repudiaram-na, não permitindo o carregamento do material.

Depois de uma reunião no Ministério do Trabalho o patrão cedeu às exigências feitas pelos trabalhadores, tendo-se comprometido ao pagamento dos salários e das horas extras em divida.

## TRABALHADORES DOS SUPERMERCADOS INVICTOS DO PORTO

Cerca de 350 trabalhadores das lojas desta unidade comercial efectuaram paralisações parciais de uma e de duas horas nas passadas terça e quarta-feira respectivamente e paralisaram completamente na quinta e sexta-feira, forma de luta que teve uma adesão superior a noventa por cento.

Esta luta visa a reintegração de um trabalhador despedido arbitrariamente pela administração.

Este esquema de luta será repetido nas semanas que se seguem até à reintegração do camarada de trabalho.

## TRABALHADORES EM LUTA NA EMPRESA TÊXTEL DO CANEIRO — BRAGA

Os 900 trabalhadores desta empresa têxtil encontram-se em greve desde o passado dia 10 de Março com o fim de verem satisfeitas as suas reivindicações — substituição da gerência, congelamento da sua conta bancária, sindicância e intervenção estatal.

Deram-se uma reunião de negociação com o patrão, recentemente os trabalhadores ocuparam a fábrica e o Ministério do Trabalho onde decorria a reunião e efectuaram posteriormente uma manifestação de rua. Os trabalhadores estão decididos a continuar a paralisação até verem satisfeitas todas as suas reivindicações.

## SECTOR DOS VINHOS

Os trabalhadores deste sector encontram-se desde Março de 1976 em luta pela revisão do actual C.C.T.V. que está em vigor há mais de dois anos.

Neste momento, e depois do boicote que as Associações Patronais têm desenvolvido, chegando ao ponto de pretenderem anular regalias anteriormente conquistadas e de proporem um aumento de salários de 10 por cento o que viria a provocar a diminuição dos salários reais praticados no sector, os trabalhadores estão a realizar plenários com vista a decidir quais as formas de luta a adoptar para ultrapassar este impasse.

PORTO — Advogado nazi  
provoca trabalhadores

Existe um advogado no Porto que presta os seus «bons serviços» nas empresas Nopal, Produtos Estrela e Têxtil A. Laranjo com tais resultados que os respectivos trabalhadores foram obrigados a denunciá-lo publicamente. Trata-se do dr. Carlos Fernando dos Santos Carvalho, «indivíduo ex-militante da FNLA/UNITA e confesadamente nazi». É o «cêrebro» e promotor de um agravamento das condições de trabalho dentro daquelas três empresas, devido à repressão que faz desencadear sobre os trabalhadores com base numa interpretação parcial e abusiva da legislação laboral.

Esta denúncia foi feita num comunicado com data de 18 passado e subscrito pela comissão intersindical de A. Laranjo, pelos delegados-sindicais da Nopal, pela CT dos Produtos Estrela e pelos sindicatos do Porto dos Têxteis, dos Metalúrgicos, do Comércio e dos Gráficos, além da União dos Sindicatos do Porto C.G.T.P. Antes já havia motivado um outro comunicado datado do dia 26 de Fevereiro. Escreve-se aí:

Descrevendo a actuação deste laço da burguesia, o comunicado prova a sua influência e controlo sobre as referidas três entidades patronais, no sentido de retirar regalias aos trabalhadores, algumas das quais em vigor há anos e que vinham a ser cumpridas pelas administrações sem pro-

blemas, até à data em que aquele advogado entrou em cena. Aponta concretamente um extenso rol de acções tais como retirar ao 13.º mês a parte proporcional aos suplementos e comissões, não pagar o 13.º mês a um delegado sindical alegando faltas por doença (tal como a outros trabalhadores), não pagar o prémio de assiduidade baseado-se em paralisações nacionais embora sem os trabalhadores terem abandonado os locais de trabalho. Além disso, descontou um dia num caso, e dois dias noutra caso, por nascimento de um filho, negando um dia para doar sangue e dois dias de falta justificada (no caso de mulheres, cada mês), etc.

Interpretando abusiva e parcialmente as leis do trabalho, o dr. Santos Carvalho influencia as administrações levando-as à prática de injustiças flagrantes, concretizadas em certos processos disciplinares com a adopção de sanções.

Quanto ao problema das quotizações sindicais, atemoriza as administrações convencendo-as de que fazer o desconto dessas quotizações nas folhas de férias é anticonstitucional e pode dar origem a pena de cadeia... Procura ainda evitar o diálogo entre trabalhadores e entidades patronais, recorrendo a ameaças de despedimento quando se fala de greve ou paralisações. Faz reuniões com os en-

carregados para os convencer a funcionarem como «primeira muralha» contra as reivindicações e chega a recorrer a chantagem.

Este feroz inimigo dos trabalhadores, além de agir, também «sabe» falar. O comunicado cita-lhe algumas bocas: «Não lhe falem em 25 de Abril», que não lhe falem na Constituição política do País, «porque não foi ele quem a fez»; que, politicamente, é muito mais que fascista, é NAZI! Portanto, este doutor não tem papas na língua...

O comunicado termina por ligar a actuação deste cão-de-fila da burguesia à escalada reacção existente no País. Ele procura destruir todas as conquistas dos trabalhadores através da desestabilização económica e social das empresas para permitir o regresso ao fascismo, do qual, aliás, o indivíduo se confessa «militante organizado».

Entretanto, na passada segunda-feira, os trabalhadores da Fábrica Produtos Estrela reunidos em Plenário Geral decidiram, por unanimidade, que este advogado não poderá ter mais relações externas ou internas com esta empresa, ao mesmo tempo que os trabalhadores endossaram para a administração a execução desta determinação. Caso não seja cumprida, os trabalhadores decidirão atitudes imediatas a tomar.

EUA — Nova diplomacia  
mais hipocrisia

Continuação da pag. 11

PS e a Mário Soares, a França e a Bélgica acabam de demonstrar que a democracia burguesa e o fascismo são duas faces da mesma moeda: a ditadura da burguesia.

SUBTILEZA — UMA TÁCTICA  
DE POUCA DURAÇÃO

A segunda grande questão que se coloca é a de saber até quando durará a política da subtileza. Naturalmente, e como sempre tem acontecido, até que o ciclo esteja preenchido. Por outras palavras o cassetete voltará a ser sistema quando a demagogia e a traição de negócio não convencerem mais, nem forem capazes de conduzir à conciliação suicida de revolucionários e trabalhadores. Nessa medida se Carter é o futuro das condições objectivas de hoje, outro Kissingger lhe sucederá, mais duro do que aquele que conhecemos, de acordo com as novas circunstâncias que brevemente existirão. O Capital nunca utilizou a forma fascista de dominação por mero prazer, antes o fez quando as classes

trabalhadoras não caíam mais no engodo da ditadura democrático-burguesa. Até lá a burguesia permite-se o luxo de permitir as liberdades democráticas até como forma de melhor poder conhecer e controlar as forças que se lhe opõem. A forma fascista de dominação tem os seus contras (aumento latente da tensão social e política com consequente perigo de ruptura e duvidosas repercussões a nível económico), razão pela qual o imperialismo procura contorná-la reformando-a, o que lhe permitira uma imagem renovada. Mas a questão é que com Carter ou sem Carter, a burguesia recorre sempre ao mal menor quando a solução ideal é utopia: onde não há margem de manobra para a democracia burguesa, O FASCISMO é, para a burguesia e o imperialismo, o mal menor. No Zaire ou em Portugal...

Ora a inevitabilidade do retorno à política do cassetete é confirmada pela própria táctica imperialista: passar à ofensiva em terrenos meramente políticos e diplomáticos é, neste caso e nesta altura, caçar elefantes com físgas, é certo que são tremendo os problemas políticos que afligem o im-

perialismo. Mas não é menos certo e o próprio imperialismo o reconhece, que que o problema é fundamentalmente económico. Onde, passar à ofensiva em termos meramente políticos começa por ser um sinal de incapacidade em atacar a doença pela raiz e acaba por ser a garantia de que o balão só durará enquanto durar o oxigénio. Perder a oportunidade de, pouco a pouco, não poder explorar os países do chamado «Terceiro-Mundo» significa o acelerar do aprofundamento da crise económica nos países da cadeia imperialista. Significa enfim o «perigo da Revolução Proletária» de que Portugal logo seguido da Espanha é o ponto nevralgico, por ser o mais fraco ponto da cadeia.

Daí que, à aposta no pluralismo burguês do PS se siga, inevitavelmente a aposta a um governo de Salvação do Capital que seja a ante-câmara dum golpe fascista. Por muito graves que sejam as repercussões a nível internacional e por muito pouco ortodoxo que seja na defesa dos «direitos do homem». É que é a única forma de Carter garantir na Europa, os direitos do Capital...



# EUA — NOVA DIPLOMACIA MAIS HIPOCRISIA

Uma vez eleito, Carter parece ter-se preocupado sobremaneira em cumprir um dos factos mais salientes da sua campanha eleitoral, uma nova orientação na política interna norte-americana, de fachada democrática.

É um facto que a política externa norte-americana não é a mesma da do tempo de Ford/Kissinger. Negá-lo seria incorrer em grave erro. Importa sim, perante o facto, saber, antes do mais, interpretá-lo nas suas origens e nos seus efeitos. Tanto mais que, não sendo os EUA o imperialismo (entidade iminente supranacional) é certo que são os EUA o coração do imperialismo. Saber ou perceber as linhas com que se cose a nova administração americana significa pois saber da tática do imperialismo.



Carter é isso mesmo: uma alternativa tática, puramente tática, à tática de Kissinger

## DUAS TÁTICAS PARA A MESMA ESTRATÉGIA

Falamos de tática e não de estratégia, porque esta, como não poderia deixar de ser mantém-se inalterável: subordinar o mais possível, o melhor possível e pelo maior tempo possível, os países economicamente desenvolvidos à dominação da burguesia e os países economicamente atrasados à exploração imperialista. Por outras palavras, o objectivo superior continua a ser o de evitar, no chamado «Terceiro-Mundo» Revoluções Nacionalistas ideologicamente hostis à dominação e exploração imperialistas e, na Europa, Revoluções Proletárias... Neste aspecto, Kissinger e Carter não são alternativa um do outro, são a mesmissima coisa: defensores e representantes dos interesses da grande burguesia americana, primeiros advogados de defesa imperialista. Pensar o contrário seria, pura e simplesmente acreditar que o imperialismo, atacado de meninigte, resolveria suicidar-se.

A administração Carter tem uma pesada responsabilidade: a de superintendente na defesa dos interesses do Imperialismo, de que é, pelo facto de ser presidente «eleito» da maior das potências económico-militares que integram a cadeia imperialista, o regente da orquestra.

O peso brutal desta responsabilidade, escusado seria dizê-lo é determinado pela grave crise económica, logo social, logo política, que mina o mundo capitalista, a todos os níveis e em todas as latitudes, ao ponto de

a ela não escaparem nem o Japão, nem a Alemanha Federal, nem os próprios EUA. Os acontecimentos que se sucedem na Tailândia, na Coreia do Sul, na Indonésia, na Rodésia, na África do Sul, no Zaire, no Sahara, no Egípto, no Líbano, em toda a América Latina e, enfim, na Europa Mediterrânica, são o espelho duma realidade da crise global de que a Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Benin, Etiópia, Camboja, Laos e Vietnam, são os frutos mais positivos e recentes.

É natural que, num contexto tão adverso, o imperialismo procura, variando de tática, uma forma o mais eficaz possível, na defesa dos seus ameaçados interesses. Carter é isso mesmo: uma alternativa tática, puramente tática, à tática de Kissinger. O imperialismo escolhendo Carter escolheu a subtilidade e regeitou a aspereza de Kissinger, que tinha dado o que tinha a dar. Mas nem aqui há nada de especialmente novo, já que com Kissinger à testa, a subtilidade foi utilizada por exemplo, no Sueste Asiático. Tratava-se então da melhor tática para a derrota inevitável. Hoje, porém, a subtilidade é utilizada na ofensiva ou, melhor, na tentativa de relançar a ofensiva.

## A OFENSIVA POLÍTICA: NEGOCIAR PARA VENCER

O Imperialismo percebe naturalmente, que não pode salvar-se remetendo-se permanentemente à defensi-

va. Daí que tente o ataque no sentido de aliviar a pressão a que está sujeito mesmo na sua própria quinta. É assim que Carter se agarra, inteligentemente, às contradições que se agudizam no interior dos países de Leste, procurando deste modo ganhar fôlego (ao mesmo tempo que o faz perder ao adversário) para melhor poder negociar. O que quer dizer que o imperialismo em vez de se fechar a sete chaves, defendendo-se brutalmente à menor ameaça, abre as suas portas para, através do negócio com a URSS, tentar controlar as ameaças.

Claro que ao fazer da defesa dos «Direitos do Homem» a sua principal arma ofensiva, o imperialismo é igualmente vítima dela, na medida em que tais «direitos» são especialmente espezinhados em países da sua tutela. E eis que Carter tem de rever a arrumação da sua casa, distribuindo cartões de mau comportamento pela América Latina, África e Ásia. Não se tomem à letra, entretanto, tais retóricas porque bem vistas as coisas, elas são a melhor forma de ganhar tempo na tarefa de preparar reformas controladas que evitem rupturas incontrolláveis ou dificilmente controláveis e de que Cuba, o Vietnam e Portugal são alguns exemplos que o imperialismo não esquece.

A primeira questão que se coloca é a de saber como reagirá o imperialismo quando o eventual negócio de partilha e de defesa do «stat-quo» não funcionar, isto é, não for suficientemente eficaz no controlo das forças em presença, mais precisamente das forças revolucionárias. A resposta é simples, já que o próprio imperialismo se encarregou de a dar, defendendo o regime de Mobutu com unhas e canhões. Foi no Zaire, efectivamente, que, caiu a máscara do imperialismo: poucas horas depois dos EUA classificarem o Zaire como um dos países onde não há o tal respeito pelos tais «direitos do homem», eis que EUA, Bélgica e França correm em socorro



Foi no Zaire efectivamente que caiu a máscara do imperialismo que correu a defender o regime de Mobutu com unhas e canhões

do desrespeito pelos tais «direitos» fornecendo-lhe fantástico apoio militar.

Deste primeiro grande tropeção da nova tática imperialista resultam duas conclusões: por um lado, que os tais «direitos do homem» não são mais do que os direitos do capital, por outro lado que a política de agressão imperialista deixou de ser exclusiva dos EUA para passar a ser também da responsabilidade de outros países da cadeia imperialista. Para quem o duvidasse e por muito que custe ao

Continua na pag. 10



O cassetete voltará a ser sistema quando a demagogia e a traição não convencem mais



# Revolução

Composição e impressão: Renascença Gráfica. Distribuidora: Editorial 18 de Janeiro, — Lisboa

## NOTAS BREVES

### AS BOMBAS E O CDS



Parece ter sido o C.D.S. o alvo preferido, na passada semana para as forças bombistas.

Com efeito dois engenhos explosivos foram nos últimos dias colocados em locais «afectos» a este partido — o primeiro na residência de Freitas do Amaral e o segundo junto à porta do C.D.S. no largo do Caldas. O primeiro viria a rebentar causando estragos de pouca monta e o segundo não rebentaria devido à «audácia» do porteiro do C.D.S. que depois de ver confirmadas as suas suspeitas de que alguém tinha deixado uma bomba à porta, correu para ela e levou-a para o meio do largo onde foi desactivada.

Perante estes factos e tal como vem sendo habitual os pasquins da extrema direita não perdem oportunidade de insinuar, ou gritar abertamente (de acordo com a

tendência mais ou menos — «civilizada» do jornal) que as bombas são postas pelas forças de esquerda arquitecta, do para isso toda a sua argumentação balofa.

Freitas do Amaral, por outro lado, nas recentes declarações feitas no encontro de militantes do C.D.S. realizado em Lisboa, não pondo de lado a hipótese dos jornais de direita, apresenta mais ou menos claramente a possibilidade de estes atentados partirem das forças da extrema direita «que estão interessadas em levar o C.D.S. para uma aventura anti-democrática».

Esta hipótese permite pois ao C.D.S. demarcar-se publicamente tanto da actividade bombista, como das forças que a desenvolvem que até as poucas investigações oficiais demonstram claramente que são da direita fascista.

### O EMBAIXADOR BRITANICO FAZ SUGESTÕES

O embaixador britânico, John Wilson, numa das paragens efectuadas durante a viagem ao Porto apresentou ao governo (publicamente; nos bastidores há muito que as deve ter apresentado) as condições postas pelas empresas británicas para investirem em Portugal. Estas condições são fundamentalmente, segundo o sr. embaixador a reformulação pelo Governo português do

«Código dos Investimentos Estrangeiros» e a revogação da lei dos despedimentos.

Estas são apenas algumas das condições da «Europa dos nove» para ajudar a «relançar» a economia portuguesa. Muitas mais condições já foram e virão a ser postas e o Governo P.S. a todas irá acedendo, única forma de «a Europa estar connosco».

### ELP

## — DOIS ANOS EM LIBERDADE

Fez no dia 23, dois anos que o major Corvacho, então comandante da Região Militar do Norte, denunciou a existência de uma organização de extrema-direita, autodomina ELP, que se preparava para actuar violentamente em Portugal.

Decorrido este tempo em que essa organização agiu como tinha prometido agir, os seus mentores estão em liberdade e elementos seus estão incrustados a nível de Poder.

O principal responsável do MDLP (cobertura «política» do ELP), Spínola, encontra-se em liberdade em Portugal, enquanto que Corvacho que denunciou a organização foi substituído no comando da RMN por um homem que protege Mota Freitas, bombista reconhecido do MDLP.

Hoje, o major Corvacho é um dos oficiais superiores a Conselho Superior de Disciplina. Resta saber se a denúncia feita por ele, há dois anos, será uma das agravantes do processo...



### BOM MESTRE BOM ALUNO

Parece confirmar-se que Freitas do Amaral vai ser chamado por Ramalho Eanes para ocupar o cargo de presidente da Comissão para a Reforma Administrativa, por ser considerado de «grande competência»

em Direito Administrativo.

Lembre-mos que Freitas do Amaral foi, na Universidade, discípulo de Marcelo Caetano e que este, neste momento, é professor no Rio de Janeiro, na cátedra de... Direito Administrativo.

## EDITORIAL

O processo montado a 33 oficiais que vão a Conselho Superior de Disciplina veio confirmar que não era alarmismo de certa esquerda revolucionária quando falava no iminente saneamento nas Forças Armadas. Também não resta dúvidas que a montagem destes processos repousa sobre um critério que tem a haver com o fascismo. O ridículo, o infundado, o quase descarado vazio das acusações, quer bem dizer que a única razão para estes saneamentos é a dos oficiais em causa serem anti-fascistas consequentes. Vai portanto adiantado o avanço do fascismo dentro da hierarquia das Forças Armadas; os julgamentos que hoje pretendem organizar são já tão arbitrários como o foram alguns processos pseudo-legalistas no tempo do fascismo.

No entanto, já na estrutura do processo a hierarquia faz sentir «que muitos desses oficiais não são responsáveis por aqueles actos... — mas sim que lhes dava ordens». Com isto querem atingir «quem lhes dava ordens» e começar portanto uma segunda e uma terceira leva, até atingirem o Conselho da Revolução, ou seja, uma parte do Conselho da Revolução. Na verdade morde neste poder a presença de anti-fascistas e no CR, a qual tem a sua expressão nos quartéis. Como pode a direita engolir que os capitães de Mafra se insurjam contra os processos dos oficiais que vão a Conselho Superior de Disciplina? Como pode a direita engolir que tenha que ser o próprio Ministro a ordenar a intervenção da GNR no Cacém, passando por cima do general?

E também estas contradições se vêm reflectir nas comemorações do 25 de Abril, que a nível oficial se mantêm nas mãos dos anti-fascistas, o que inquieta sobremaneira a direita.

Já mais ordeira se comporta a direita civil, cujo CDS se esforça por se mostrar «democrata», não se escusando a expulsar Galvão de Melo para se manter com bom aspecto. E com o mesmo liberalismo se mostra Mário Soares, almoçando com o dito Galvão de Melo.

Essas são as reviravoltas do verdadeiro «pacto social» que se vai afirmando — o PS permite a remodelação governamental, abrindo as portas ao PPD e ao CDS e encontrando a sua expressão a nível das leis; mas o reformismo vai travando as lutas onde e quando pode: nos textos, nas cooperativas, etc.

Entretanto o imperialismo impõe a sua lei e a Grã-Bretanha arrega-se o direito de criticar a lei dos despedimentos em Portugal, condicionando assim o seu investimento. O projecto económico do imperialismo é manter «a ordem» neste país de economia periférica, disposto para a exploração e para o domínio militar da NATO.

Perante isto não há que travar as lutas económicas dos sectores mais atingidos pelo aumento do custo de vida, mas há que radicalizá-las no sentido de predispor essas massas e de organizá-las para o confronto com o fascismo.

Neste sentido a unidade é fundamental. Sem unidade a organização não é possível, os trabalhadores serão derrotados. Sem unidade dos anti-fascistas o fascismo vencerá.

Lê  
assina  
divulga  
Revolução